



A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO SEXUAL NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES: O PROJETO LABORATÓRIO DE EDUCAÇÃO SEXUAL ADOLESCER E A INTERVENÇÃO NECESSÁRIA JUNTO AOS ADOLESCENTES NO ESPAÇO ESCOLAR

Eritânia Silmara de Brittos¹

Aline Bruna dos Santos²

Giseli Monteiro Gagliotto³

RESUMO: O presente artigo objetiva demonstrar a atuação do Projeto Laboratório de Educação Sexual Adolescer junto à Escola Oficina Adelíria Meurer, no município de Francisco Beltrão - Paraná, que tem como tema o trabalho das questões sexuais junto aos adolescentes e demais pessoas que integram o espaço escolar, buscando-se desvelar a discussão teórica de autores que articulam as temáticas referentes à sexualidade, educação sexual, psicanálise e cultura, tendo como alicerce os estudos realizados pela Doutora Mary Neide Damico Figueiró, autora da obra "Formação de Educadores Sexuais: adiar não é mais possível". Partindo do referencial teórico-metodológico da autora, trabalhou-se no laboratório questões como: afetividade, desejo, família, namoro, masturbação, virgindade, aborto, gênero, homossexualidade, relação com o corpo, sexo, prevenção de DSTs e AIDS, gravidez e pornografia. A partir das análises, verificou-se que muitos adolescentes, mesmo os que já iniciaram sua vida sexual, apresentam dúvidas fundamentais ao seu desenvolvimento psicosssexual, concluindo-se pela importância de uma boa formação em Educação Sexual para o professor/educador levando-o a refletir sua prática e comprometer-se com o desenvolvimento integral da criança e do adolescente.

PALAVRAS CHAVES: Sexualidade. Educação sexual. Adolescência. Escola.

¹Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), *campus* Francisco Beltrão. Bolsista do Projeto Laboratório de Educação Sexual Adolescer - Programa Universidade sem Fronteiras.

²Graduanda do terceiro ano do Curso de Pedagogia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), *campus* Francisco Beltrão. Bolsista do Projeto Laboratório de Educação Sexual Adolescer - Programa Universidade sem Fronteiras.

³Doutora em Educação e docente na graduação em Pedagogia e na pós-graduação Mestrado em Educação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), *campus* Francisco Beltrão. Coordenadora do Projeto Laboratório de Educação Sexual Adolescer - Programa Universidade sem Fronteiras.



1. INTRODUÇÃO

A Educação Sexual apresenta-se como uma intervenção necessária nos espaços educativos, uma vez que contribui para a edificação da personalidade dos indivíduos e oportuniza questionamentos, reflexões e discussões que resgatam a marca humana da sexualidade. Uma educação sexual deve possibilitar o desenvolvimento de professores e alunos de maneira a viverem a sua sexualidade de forma mais responsável e prazerosa. Neste contexto, a sexualidade humana deve ser encarada como um dos elementos que compõem a identidade pessoal e compreendida como processo de desenvolvimento integral de cada indivíduo social.

Até bem pouco tempo atrás falar em educação sexual na escola era algo do outro mundo; hoje nos deparamos com outro momento. Considera-se que a escola não pode mais fugir do seu papel de educadora e ignorar as questões sexuais emergentes em todos os que ocupam a escola; não se pode acreditar que apenas informações biológicas e palestras uma vez ao ano estarão suprimindo essa necessidade educacional. Desta forma, a escola mantém a educação sexual como um tabu, e persiste no discurso de que não se pode falar sobre isso. Esta omissão por parte da escola e da família faz com que as crianças e adolescentes procurem informações em outras fontes bem menos seguras, como em revistas, internet e/ou na rua com amigos, que muito provavelmente estão tão despreparados quanto eles.

Por isso, a educação sexual é cada vez mais necessária no cotidiano das escolas. Entretanto, muitos professores apresentam dificuldades em lidar com as questões acerca da sexualidade e realizar sua abordagem no espaço escolar junto a crianças e adolescentes, percebendo a importância do conhecimento científico não adquirido nas suas formações iniciais (magistério ou licenciaturas).

Para desenvolver o presente trabalho utilizou-se o livro “formação de educadores sexuais: adiar não é mais possível” de Mary Neide Damico Figueiró, elaborado a partir de sua dissertação de mestrado.



2. A EDUCAÇÃO SEXUAL NAS ESCOLAS

Cada vez mais a sociedade está se conscientizando da importância de uma formação acerca da educação sexual. Neste sentido, Figueiró (2006) busca apresentar uma formação para os educadores, despertando o interesse e a paixão pela educação sexual, considerando as questões relativas à formação continuada do professor, à profissão docente, à qualidade do ensino, ao aprendizado do aluno, entre outros.

A disposição de explicar vem ao encontro de um desejo que o outro cresça. Neste sentido Figueiró (2006, p. 17) adverte:

A educação sexual deve ser realizada a fim de contribuir para o desenvolvimento integral da personalidade do educando e, conseqüentemente, para sua qualidade de vida. “Educação sexual tem a ver com aumentar o grau de felicidade e de bem-estar”.

Com o Laboratório de Educação Sexual Adolescer buscou-se desenvolver um espaço que possibilite troca de experiências entre professores e alunos, bem como as demais pessoas envolvidas no projeto. Cabe ao projeto construir relações afetivo-sexuais que evidencie a ética, o respeito e permita um crescimento pessoal que auxilie no exercício de uma sexualidade repleta de prazer e responsabilidade.

Figueiró (2006) considera que:

É importante salientar que parto do princípio de que todos somos educadores sexuais: os pais, os professores, os demais profissionais e a comunidade em geral, estejamos ou não conscientes disso, uma vez que, no contato com crianças, adolescentes e jovens, acabamos por passar informalmente, várias mensagens, implícitas ou explícitas, sobre a sexualidade, contribuindo para que os educandos construam suas ideias, seus valores e seus sentimentos em relação a ela. (p.30)

Ao falar em formação de educadores sexuais, Figueiró (2006) refere-se a uma abordagem emancipatória que busca auxiliar o professor na atuação



para o ensino da sexualidade. A autora percorre uma proposta defendida por Goldberg (1988, *apud* FIGUEIRÓ, 2006, p. 31):

Que concebe a educação sexual como um caminho para preparar o educando para viver a sexualidade de forma positiva, saudável e feliz, e, sobretudo, para formá-lo como cidadão consciente, crítico e engajado nas transformações de todas as questões sociais ligadas, direta ou indiretamente, à sexualidade.

Para uma melhor compreensão do trabalho realizado por Figueiró passamos a tratar na sequência as principais abordagens discutidas e defendidas pela autora.

2.1 O QUE É EDUCAÇÃO SEXUAL?

Figueiró considera educação sexual “toda ação ensino-aprendizagem sobre a sexualidade humana, considerando o conhecimento de informações básicas, discussões e reflexões de valores, sentimentos, normas e as atitudes ligadas à vida sexual” (2006, p.38). A autora afirma a necessidade de buscar um conceito mais completo do real significado da sexualidade na formação da vida do ser humano.

Este é um processo que oportuniza ao indivíduo educar-se sexualmente. Neste sentido, a educação sexual é denominada emancipatória, por estar comprometida com a transformação social, onde o indivíduo necessita desenvolver sua autonomia com as questões ligadas aos valores e comportamentos sexuais. Para alcançar esta transformação social é fundamental que ocorra uma construção da liberdade sexual sem culpa e livre da opressão, ou seja, são ações que contribuem para suprimir o autoritarismo sexual, eliminar os preconceitos sexuais, bem como as desigualdades e a violência sexual.

Sendo assim, um educador sexual que compartilha dessa visão deve conscientizar os educandos a compreender e comprometer-se com a



necessidade de efetivar dois resgates, o “resgate do gênero” e o “resgate erótico”.

Segundo Figueiró (1995, *apud* FIGUEIRÓ, 2006, p. 40) o “resgate do gênero” considera que:

(...) homens e mulheres possam, em conjunto, de acordo com as necessidades de cada momento histórico, reavaliar os papéis sociais e viabilizar as mudanças destes papéis, com a preocupação sempre de conquistar o bem-estar, o crescimento pessoal e a felicidade de ambos, num ambiente onde nenhum sexo vale mais que o outro e onde todos – homens e mulheres – sejam merecedores de direitos iguais.

Já, o “resgate erótico” implica ajudar o educando a encarar a sexualidade como algo bonito na vida das pessoas, buscando eliminar a visão que considera como algo “sujo”, “feio” e “vergonhoso”, ou seja, lutar contra a banalização do sexo e os discursos consumistas.

Neste contexto, o projeto vê o laboratório como um espaço de reflexão e discussões para que os adolescentes possam expor suas dificuldades, seus anseios, favorecendo um saber compartilhado.

A grande questão é: “O que é sexualidade?” Essa foi a interrogação levantada por Figueiró em sua pesquisa de mestrado. Segundo a autora (2006, p. 42):

Sexualidade é uma dimensão ontológica essencialmente humana, cujas significações e vivências são determinadas pela natureza, pela subjetividade de cada ser humano e, sobretudo, pela cultura, num processo histórico e dialético. A Sexualidade não pode, pois, ser restringida à sua dimensão biológica, nem a negação de genitalidade, ou de instinto, ou mesmo de libido. Também não pode ser percebida como uma “parte” do corpo. Ela é, pelo contrário, uma energia vital da subjetividade e da cultura, que deve ser compreendida, em sua totalidade e globalidade, como uma construção social que é condicionada pelos diferentes momentos históricos, econômicos, políticos e sociais.

É possível observar que este conceito traz a sexualidade como parte da condição humana, considerando a subjetividade de cada ser humano. Isso significa que a sexualidade está na natureza humana como parte da sua



constituição, indo além dos conceitos biológicos e sendo compreendida em sua totalidade cultural nos diferentes momentos históricos da nossa sociedade.

A criação do Laboratório de Educação Sexual Adolescer tem desempenhado uma articulação cultural e pedagógica acerca da sexualidade dos adolescentes, bem como a construção do conhecimento científico referente à sexualidade no campo educativo promovendo a inserção social e educacional dos mesmos.

Figueiró (2006) defende a concepção dialética e política, pois se volta a educação sexual emancipatória na qual a sexualidade é concebida como a dimensão mais ampla da condição humana, em que o ser humano é o participante ativo na construção pessoal e social por influenciar na construção de valores e normas sexuais, ou seja, o indivíduo pode vir a ser sujeito da sua própria sexualidade. É formidável levar em consideração que os dados analisados nesse trabalho giram em torno do profissional da escola, tendo como base a figura do aluno e o processo de aprendizagem, sendo importante aprofundar o entendimento sobre a sexualidade.

A autora leva em consideração as reflexões de Britzman (1998, *apud* FIGUEIRÓ, 2006, p. 44), pois para ela:

A sexualidade é a energia que leva o bebê a construir a primeira forma de conhecimento: distinguir seu corpo do dos outros. É a energia que leva o ser humano a movimentar-se e interagir com o meio ambiente, impulsionando suas ações na direção da satisfação das necessidades básicas e do premente desejo por prazer.

Neste contexto, Figueiró (2006) destaca o conhecimento que busca a satisfação e o desejo de aprender. A sexualidade é caracterizada como uma condição para despertar a curiosidade humana e a busca pela aprendizagem. É por meio da sexualidade que o ser humano torna-se um cidadão capaz de defender-se e viver experiências que o ensine a amar, ou seja, é por meio da aprendizagem que ele vai despertar o amor por aprender.

A expressão “educação sexual” é utilizada por ser considerada mais coerente com a concepção do método da educação, onde



o educando participa como sujeito ativo do processo de ensino e aprendizagem e não como mero receptor do conhecimento. Nessa perspectiva o professor cria as condições para o aluno aprender e auxilia o aluno nesse processo de aprendizagem (FIGUEIRÓ, 2006, p.48).

A autora adota a classificação elaborada por Werebe (1998, *apud* FIGUEIRÓ, 2006), que caracteriza dois tipos de educação sexual: a educação sexual informal e a formal. A informal é um processo global, abrange toda e qualquer ação exercida sobre o indivíduo em sua vida, desde o seu nascimento, que tenha alguma repercussão ou influência, direta ou indiretamente, sobre sua vida sexual. Já a educação sexual formal é aquela deliberada e institucionalizada, ou seja, realizada dentro ou fora do espaço escolar.

Figueiró (2006) destaca que existem muitas terminologias e classificações para caracterizar a educação sexual, porém o mais importante é como o ensino da sexualidade está sendo inserido na escola independente do termo utilizado, uma vez que cada um deles carrega concepções pedagógicas ao que se refere à educação.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) incluem a educação Sexual como um tema transversal, diante disso Figueiró (2006) relata que esta é uma educação que carece de uma urgência social e pode ser trabalhado nas diversas áreas do conhecimento, podendo ser ensinado por professores de diferentes áreas do conhecimento.

Em relação a esta inclusão, importante se faz verificar que em 1997 o Governo Federal Brasileiro, por meio do Ministério da Educação, estabeleceu em seus Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) a Orientação Sexual no Ensino Fundamental como tema transversal, ou seja, um assunto que deve ser trabalhado em todas as disciplinas escolares, por quaisquer professores que se sintam mobilizados, sempre que houver espaço na grade curricular ou em horários extraclasse.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs):

Propõe-se que a Orientação Sexual oferecida pela escola aborde com as crianças e os jovens as repercussões das



mensagens transmitidas pela mídia, pela família e pelas demais instituições da sociedade. Trata-se de preencher lacunas nas informações que a criança e o adolescente já possuem e, principalmente, criar a possibilidade de formar opinião a respeito do que lhes é ou foi apresentado. A escola, ao propiciar informações atualizadas do ponto de vista científico e ao explicitar e debater os diversos valores associados à sexualidade e aos comportamentos sexuais existentes na sociedade, possibilita ao aluno desenvolver atitudes coerentes com os valores que ele próprio elegeu como seus” (BRASIL, 1997, p. 300).

Entretanto, apesar desta clara iniciativa do Ministério da Educação, muitas dificuldades persistem ao conceber a Orientação Sexual no âmbito escolar enquanto tema transversal, pois o sexo mostra-se como um assunto polêmico, repleto de repressões em nossa sociedade. Por esta razão, muitos educadores não manifestam interesse sobre o tema, deixando de buscar formação adequada para o trabalho de Orientação Sexual com a juventude. Os professores/educadores que buscam tratar do tema concentram suas atenções a DSTs, AIDS e gravidez indesejada e precoce, fechando os olhos para outros problemas sociais relacionados à sexualidade. Cabe à escola realizar um trabalho de reconhecimento do direito que o aluno tem de ser educado socialmente, ou seja, o direito de conhecer a si próprio e conhecer tudo que está ligado à sexualidade.

Figueiró (2006, p. 67) afirma que:

O significado do ensino da sexualidade está em formarmos jovens e adultos com conhecimento seguro de si mesmos e das questões da sexualidade, para que possam viver de maneira feliz, segura e responsável a sua sexualidade. Além disso, queremos formar cidadãos críticos e amadurecidos, participantes da transformação dos valores e das normas sociais ligadas às questões sexuais, incluindo-se, nesse conjunto, a transformação das relações de gênero, a fim de assegurar a igualdade e o respeito mútuo.

2.2 A FORMAÇÃO DE EDUCADORES SEXUAIS

Quando falamos em Formação de Educadores Sexuais temos que ter clareza da importância dessa formação no interior da escola. Figueiró (2006)



apresenta alguns trabalhos desenvolvidos em seus grupos de estudos que serão utilizados como objetos de análise para trabalhar a formação de educadores sexuais.

Para desenvolver esse trabalho é fundamental conhecer a opinião dos professores sobre a educação sexual, considerando seus conhecimentos, ideias, opiniões, necessidades, e experiências.

Figueiró (2006, p.81) destaca algumas reflexões que precisam ser conduzidas com os professores com o intuito de levá-los a entender com que tipo de educação irão se comprometer, bem como: qual a concepção de homem e de educação que norteia seu trabalho; qual é o foco que esse trabalho pretende atender. Tais reflexões devem levar em consideração o papel do educador sexual, assim como o porquê e para que colocar em prática esses programas de educação sexual.

Segundo Figueiró (2006), o *porquê* significa estar ciente dos motivos que justificam um trabalho dessa natureza, sabendo identificar aqueles que devem ser priorizados. É direito do educando conhecer seu próprio corpo, bem como sobre a sexualidade, compreendendo a importância desses conhecimentos para sua formação integral.

Já o *para quê* significa refletir aonde se quer chegar com esse trabalho, sendo importante compreender que a educação sexual pode estar comprometida com diferentes concepções filosóficas, metodológicas e pedagógicas, que implica a existência de várias abordagens.

O trabalho que está sendo realizado no laboratório visa abrir um leque de informações e conhecimentos sobre a sexualidade, buscando superar os tabus e mitos que sondam como polemicas a cerca da sexualidade. Esta superação busca contribuir para a formação da identidade sexual, promover o cuidado consigo e com o outro, bem como contribui na construção de valores e atitudes sociais. As bolsistas que estão desenvolvendo este projeto aprendem na práxis a trabalhar os interesses e as necessidades pertinentes aos adolescentes com relação à sexualidade.

Sabemos que trabalhar com um tema polêmico pode acarretar abordagens diferenciadas. É neste sentido que Figueiró (2006) destaca



algumas concepções, entre elas a religiosa (tradicional/liberadora), a médica, a pedagógica e a política ou emancipatória.

A abordagem religiosa tradicional é compreendida como a formação do cristão, onde o sexo é vinculado ao amor pelo parceiro, ao casamento e a procriação. Isso remete a sexualidade a uma submissão a normas religiosas e às mensagens bíblicas. Já a abordagem religiosa liberadora encara a educação sexual como um instrumento de transformação social, sendo o indivíduo sujeito de sua própria sexualidade, está atrelado à conservação dos princípios fundamentais do cristão, destacando o amor, o respeito mútuo e a justiça, sem deixar de lado a preocupação com a formação básica do cristão.

A abordagem médica busca assegurar a saúde sexual do indivíduo assim como de todos que estão a sua volta, dando ênfase à ação terapêutica e aos programas preventivos de saúde pública.

Na abordagem pedagógica o foco encontra-se no processo de ensino e aprendizagem dos conteúdos básicos da sexualidade, considerando também o aspecto formativo e o desenvolvimento do educando, onde a educação sexual prepara o indivíduo para viver bem a sua sexualidade.

A abordagem emancipatória ou política caracteriza-se em perceber na educação sexual um compromisso com a transformação social, encaminhando as discussões para as questões que envolvem as relações de poder, aceitação e respeito pelas diferenças, sem deixar de lado a vivência pessoal positiva e saudável da sexualidade. A autora defende esta abordagem emancipatória e considera a educação sexual como um processo permanente de transformação dos padrões de relacionamento sexual, destacando uma preocupação em resgatar o erotismo, ou seja, a busca pelo prazer e a visão positiva da sexualidade, bem como as questões de gênero, em que os papéis sexuais tem seu enfoque social, histórico e cultural.

É indispensável registrar que o educador precisa refletir sobre as abordagens referenciadas acima, para que a partir de sua reflexão ele possa assumir um posicionamento teórico consciente e coerente para não correr o risco de ser um técnico, conhecedor apenas das estratégias de ensino e de conteúdos informativos sobre sexualidade.



Sendo assim, a seguir será trabalhada a formação continuada dos professores, pois as reflexões devem estar presentes no decorrer de todo período de formação do educador sexual, sendo inserido no desenvolvimento pessoal e profissional do educador.

2.3 FORMAÇÃO CONTINUADA DOS PROFESSORES

Quando falamos em formação temos a clareza de que este é um trabalho de reflexões críticas sobre a prática em que o conhecimento é construído no processo de ensino e aprendizagem. Isso exige do educador um aprendizado constante, como afirma Figueiró (2006, p. 88):

Para formar alunos que assumam um papel ativo em sua aprendizagem, com autonomia e criatividade, o professor precisa, antes de tudo, ter ele próprio, esse tipo de postura com sua aprendizagem. Precisa exercitar e aprimorar sua atitude de busca constante pelo conhecimento, para conseguir despertar esse mesmo tipo de atitude em seu aluno.

A formação continuada precisa ser um processo contínuo, para que o professor possa pensar e repensar sua prática pedagógica e a partir disso desenvolver uma reflexão coletiva com os demais educadores. Sendo assim, a formação continuada refere-se às ações que possibilitam ao professor aperfeiçoar sua prática, estando diretamente ligada aos problemas vividos em sala de aula.

“A sexualidade é uma das questões que mais tem trazido dificuldades, problemas e desafios aos educadores, no seu trabalho cotidiano de ensinar (FIGUEIRÓ, 2006, p. 92).” É possível observar que os alunos demonstram aos professores a necessidade de ouvir falar sobre o assunto. Nesse processo cabe a escola o papel de formar o indivíduo para o exercício da cidadania.

Além disso, a Educação Sexual não se faz necessária somente entre professores/educadores, que estão em contato direto com os adolescentes. Há um grande número de educadores dirigentes de estabelecimentos educacionais com as mesmas pressões e repressões sexuais no que se refere à sexualidade, o que os faz fechar os olhos para ações de Orientação Sexual e



tentam fazer acreditar que este tema não é importante para a comunidade estudantil, muitas vezes com o argumento de que falar sobre sexualidade com os jovens estudantes irá induzi-los à prática precoce de relações sexuais.

Partindo dessas questões que desafiam a escola, Figueiró (2006) desenvolveu um trabalho de formação com os educadores, tendo como objetivo principal a formação de profissionais para atuar como educadores sexuais de crianças e adolescentes. Este trabalho foi desenvolvido com um Grupo de Estudos sobre Educação Sexual coordenado por Figueiró no *campus* da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

Este trabalho possibilitou o domínio e a reflexão de conteúdos referentes à sexualidade, apontando valores, tabus e a superação de preconceitos a respeito da sexualidade. Foi desafiador, pois embora Figueiró tivesse domínio teórico sobre sexualidade para adolescentes, ainda não tinha experiência em preparar o educador para falar aos alunos sobre sexualidade, destacando a importância das experiências vividas pelos professores com as crianças e adolescentes.

Destacamos que o trabalho de educar sexualmente também é papel da escola, pois além de ser um direito, faz parte da formação integral de cada indivíduo. É uma questão de atitude, de abertura emocional e intelectual, que precisa ser construída e elaborada junto com os educadores e realça que falar sobre sexo é a melhor maneira de se vencer a culpa e a vergonha a ele associadas.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das análises realizadas, esse trabalho de formação continuada comprova a importância da reflexão na formação como um instrumento de desenvolvimento do pensamento e da ação. Relata também a importância da prática como embasamento para o processo formativo, pois a prática vivida pelos professores auxilia nas reflexões e contribui para a construção do conhecimento. Figueiró (2006) destaca que os professores, em seus relatos,



evidenciaram seu desenvolvimento pessoal e profissional por meio deste trabalho de formação continuada.

Segundo Figueiró (2006, p. 260):

Ao refletir sobre o espaço ou papel que as questões do corpo e da sexualidade precisam ter no currículo é necessário considerar que é no corpo, e pelo corpo, que o indivíduo passa a se dar conta de sua existência real e concreta, bem como da existência do mundo a sua volta. É por meio do corpo, dos movimentos e das ações que ele oportuniza, que a criança de zero a dois anos empenha-se, ativamente, para formar a noção do eu e para se distinguir dos demais elementos e objetos existentes ao seu redor, bem como para se colocar em relação a eles.

Neste sentido, é possível observar que o corpo tem um papel fundamental na aquisição da consciência de si. Nosso corpo é a base e o ponto de partida para a efetivação do desenvolvimento cognitivo, pois os estímulos e os relacionamentos estão vinculados à ação do corpo.

É possível observar que este trabalho abrange o sentido amplo da sexualidade, que envolve sentimentos, valores, atitudes e normas socioculturais ligadas à sexualidade, sendo estas construídas e transformadas pelo ser humano ao longo da sua história. Por outro lado, preocupa-se com o ensino da sexualidade, para que não se restrinja a aulas expositivas e informativas, mas sim que seja um constante processo de construção de saberes, com diálogo e troca de experiências entre alunos e professores, levando-os a participar ativamente como sujeito que pensa e se expressa, tanto intelectualmente quanto afetivamente.

Para a efetivação desse trabalho é fundamental ressaltar a importância que há em realizar o trabalho de formação continuada de modo sistemático, prolongado e com assistência para prática pedagógica. Neste sentido, é necessário dar uma atenção especial para a história da vida dos professores, pois o desenvolvimento pessoal e o profissional caminham interligados. É importante que os professores passem por um processo de autoconhecimento, que lhes possibilita falar sobre si próprio e expor seu ponto de vista.

Figueiró (2006, p. 285-286) conclui:



Considero importante desenvolver trabalhos do tipo oficina, por exemplo, que permitam aos professores repensar sua própria sexualidade, seus sentimentos, atitudes e valores. O ensino em torno das questões ligadas à sexualidade não deve ter em vista a figura do professor apenas como um instrumento ou um “meio” de levar educação sexual para os alunos. Aprendizado, reflexões sobre o tema e oportunidades de reeducação sexual são também necessidades dos profissionais, independente de atuarem ou não em educação sexual formal.

Neste sentido buscou-se que os professores refletissem sobre sua visão pessoal, seus sentimentos, valores, tabus e preconceitos relativos à sexualidade, considerando o processo de sua própria educação sexual. A ideia de propor o trabalho com oficinas aos professores inclui considerar as relações de gênero, pois assim como a sexualidade o gênero também faz parte da identidade de cada sujeito.

Defendemos a importância de uma formação inicial que consiste em levar o professor a refletir sua prática e comprometer-se com o desenvolvimento integral da criança e do adolescente. A implantação da Educação Sexual nos cursos de formação é de suma importância para que professores e profissionais da educação possam ser contemplados com tal formação e, deste modo, possam assumir o seu papel central no processo sexual educativo da criança e do adolescente. Através do conhecimento científico os professores passam a compreender as manifestações da sexualidade da criança e do adolescente e educá-los para uma sexualidade emancipatória e humanista.

Abordar temas relacionados à sexualidade não é uma tarefa fácil de ser trabalhada com nossos adolescentes, mas por outro lado sabemos da importância de quebrarmos as barreiras que muitas vezes são impostas pela própria sociedade. Ao falarmos abertamente aos adolescentes sobre sexo e sexualidade estamos colaborando para uma formação articulada em conceitos e valores culturais.

Buscamos alcançar com esse projeto a superação de muitos assuntos que são vistos como tabus, conduzindo esclarecimentos acerca da sexualidade na adolescência para os adolescentes. O trabalho que vem sendo realizado



diretamente com os adolescentes abre espaço para que eles possam ter liberdade de falar sobre suas dúvidas, curiosidades, dificuldades e anseios acerca da sexualidade.

É possível perceber nos encontros realizados com os adolescentes que as atividades nos grupos favorecem questionamentos, troca de informações e experiências de forma respeitosa, bem como esclarecimento de dúvidas. Observamos na fala dos adolescentes a necessidade de ter alguém que os escute e entenda seus medos, angústias e anseios. Esses esclarecimentos proporcionam uma liberdade com segurança, respeito e valorização que tanto necessitam para a vivência desse processo de educação emancipatória.

Enfim, constata-se a importância e a necessidade de uma educação sexual escolar que resgate o adolescente de forma global, embasada no respeito e no conhecimento do ser humano como um todo, na qual prevaleça a qualidade e a afetividade nas relações sociais e sexuais e discutindo e refletindo sobre os papéis sexuais, os preconceitos e as discriminações numa linguagem humana. O trabalho de Educação Sexual, para que seja efetivo deve abranger a família, os espaços educativos e o Estado através de projetos em nível governamental que envolva essas esferas.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6022 – Informação e Documentação: Artigo em publicação periódica científica impressa - Apresentação.** Rio de Janeiro, 2003.

_____. **NBR 6023 – Informação e Documentação: Referências - Elaboração.** Rio de Janeiro, 2002.

_____. **NBR 6024 – Informação e Documentação: Numeração progressiva das seções de um documento escrito - Apresentação.** Rio de Janeiro, 2003.

_____. **NBR 6028 – Informação e Documentação: Resumo - Apresentação.** Rio de Janeiro, 2003.



_____. **NBR 10520 – Informação e Documentação:** Citações em documentos – Apresentação. Rio de Janeiro, 2002.

_____. **NBR 14724 – Informação e Documentação:** Trabalhos Acadêmicos - Apresentação. Rio de Janeiro, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: orientação sexual.** V. 10.5. Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/orientacao.pdf>>. Acesso em: 11 mar. 2013.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico, **Formação de Educadores Sexuais: adiar não é mais possível.** – Campinas, SP: Mercado de Letras; Londrina, PR: Eduel. (Coleção Dimensões da Sexualidade), 2006.